S. PAULO (Brazil) Sabbado, 28 de maio de 1910 **ANNO IV—NUMERO 33**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Largo da Sé n. 5 (sobrado)

Endereço telegraphico: LANTERNA

Apparece aos sabbados

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL DE COMBATE

Assignaturas para o Brazil
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

Assignaturas para o exterior
ANNO . . . . 15$000
SEMESTRE . . . . 8$000

PAGAMENTO ADIANTADO

E sempre a mentira

(A OLIVEIRA E SILVA)

Soy tan grande como el Mundo,
Y a mi Dios no me crió,
Y yo vivo entre la gente,
Adivina: — Quien soy yo?

(Quarteto de meu pai).

Amigo — disse-me uma vez um protestante em seu estylo biblico — não ha gente no mundo mais mentirosa do que a gente catholica. Contra todas as regras que nosso credo estabelece, essa gente mente a torto e a direito, de dia ou de noite, com sol ou com chuva, com frio ou calor; numa palaAra, a gente catholica é a mais perfeita incarnação da mentira: nunca fizeram outra coisa.

Não digo que nas palavras de meu calvinista amigo, acima citadas, não haja algum exaggero, tanto mais certo quanto é sabido que catholicos e protestantes não se estimam e neste caso nada é de estranhar que uns e outros tentem augmentar as falhas moraes dos contrarios, motivo este que me põe de sobreaviso quanto á sinceridade de ambos os partidos nas acres censuras que mutuamente se dirigem.

As observações acima expostas equivalem a dizer que nem todos os catholicos devem ser medidos pela mesma bitola, isto é: — «nem todos os catholicos são mentirosos, mas todos os mentirosos são catholicos».

Para fundamentar estas asserções vou transcrever e commentar alguns topicos dum artigo de Oliveira e Silva dado á luz no *Jornal do Brazil* de 8 maio do anno da graça 1910, e que a meu vêr, em nada abonando a verdade, estão pedindo uma refutação.

Referindo-se á Igreja em face da questão social, Oliveira e Silva diz:

«Sabe a Igreja accommodar-se aos tempos e aos lugares, de fórma que sua acção seja sempre actual e opportuna.»

Que a Igreja sabe accommodar-se aos tempos e aos lugares quando seus interesses puramente materiaes assim o exigem, é uma grande *novidade* mais velha do que meu vigesimo quinto tatara vô; mas que a Igreja sabe accommodar-se aos tempos e aos lugares para qua acção seja opportuna e actual, isto é, benefica aos povos, isso é que é umn grossa, tradicional, eterna e catholica mentira.

Todo aquelle que tiver estudado um bocadinho de historia saberá perfeitamente que por occasião da grande Revolução Franceza não faltaram maldições e improperios vomitados pela Igreja e seu clero sobre a impia e sacrilega revolução, a que a mesma Igreja não poude, não soube ou não quiz accommodar-se, deixando, portanto, de ser opportuna e actual a sua acção e desmentindo assim formalmente as palavras de Oliveira e Silva: «A Igreja sabe accommodar-se aos tempos e aos lugares para que sua acção seja sempre actual e opportuna.»

A Igreja, que nunca se importa com a questão social, agora quer legislar em sociologia com a mesma facilidade com que inventa um dogma qualquer. Eis o que, a proposito da dita questão, diz um bispo por bocca de Oliveira e Silva: «A questão social existia e era bem mais aguda ha dois mil annos.

Os trabalhadores estavam reduzidos á servidão: eram escravos. Quando seres humanos, muitas vezes fracas mulheres, succumbiam pelo dente das féras, o povo-rei chegava ao cumulo da felicidade. A Igreja interveio e, á força de pregar a justiça (que cynismo!!!), a caridade, a liberdade, acabou por vencer a barbaria e por crear a civilização (hypocrita!), acabou por introduzir no mundo esta obra social immensa *(sic)* que se chama a abolição da escravidão.»

Confesso sinceramente que em tão poucas linhas ainda não vi concretizar-se tantas mentiras, tanta hypocrisia, tanto descaro e atrevimento, tanta falsidade e má fé!

Em que tempo é que a Igreja prègou a justiça, a liberdade ou a emancipação dos escravos?

Realmente, é preciso ter uma cara de ferro para fazer taes affirmações em pleno seculo XX e á face dum povo civilizado!

A Igreja catholica romana — saiba-o o papista Oliveira e Silva nunca prègou a justiça, a liberdade e muito menos a abolição da escravidão; e desde as columnas deste jornal desafio-o a que me prove o contrario.

A Igreja romana nunca desejou a liberdade dos escravos nem civilizou povo algum; pelo contrario: o que ella fez sempre foi embrutecer todos os povos para melhor os roubar.

S. Pedro, S. Paulo, S. Basilio e S. Thomás de Aquino eram escravocratas (v. a 1.ª Epist. de S. Pedro, II, 17; e a de S. Paulo a Tito, II, 9), assim como tambem Gregorio IX.

Para mostrar ao povo o quanto Oliveira e Silva é embusteiro e, portanto, indigno do menor credito, vou citar as palavras dum catholico que destroem pela base todas as mentirosas asserções de Oliveira e Silva; ei-las:

«Os ecclesiasticos, feitos proprietarios, não aboliram a escravidão nem emanciparam os colonos». (Cantú, *Hist. Univ*, tom. VII, pag. 236).

«O 17.° concilio de Toledo (693) decretou que os judeus fossem reduzidos á servidão.» (Obr. cit., tom. IX, pag. 198).

«Quem libertou os escravos de todos os paizes não foi a Igreja nem os papas: foram os philosophos, as universidades e os estadistas de bons sentimentos». (Idem, tom. XII, pag. 195).

Quem aboliu a escravidão na Russia não foi a Igreja: foi Alexandre II, em 1861, quem acabou com a escravidão nos Estados-Unidos, não foi Pio IX: foi Abrahão Lincoln, em 1865; e quem a aboliu no Brasil, não foi a Igreja: fot a lei de 13 de Maio de 1888, sanccionada pelo gabinete João Alfredo.

«A Igreja — diz Oliveira e Silva — acabou por vencer a barbaria». Nisso, tambem Oliveira e Silva mente escandalosamente. A Igreja romana, é certo, venceu e mesmo acabou a barbaria pagan, mas para implantar outra barbaria mil vezes peor do que a pagan: a barbaria christã.

De facto, o circo de gladiadores e um Olympo repleto de falsos deuses são uma barbaria; mas a confissão auricular, as imagens de pau, pedra e gesso, o purgatorio, o inferno, os milagres ridiculos, as farças grosseiras, a venda das indulgencias, as excommunhões, as cruzadas, as perseguições religiosas, a inquisição, os carceres, as forcas, as fogueiras, as matanças de protestantes, os jesuitas e a crassissima ignorancia que durante mais de mil annos imperou na Europa durante o dominio da Igreja, foi uma barbaria, não mil vezes mas um milhão de vezes peor do que a barbaria pagan.

A igreja romana, — repito e sustento, — longe de civilizar os povos, só fez embrutece-los para melhor os roubar, e tudo o que os catholicos *illustrados* disserem em contrario, é uma pura, tradicional, eterna e catholica mentira.

E tenho dito.

JOSÉ MARTINS.



O fim do mundo

Imaginem qual não seria o meu espanto ao receber hoje, pelo correio, um livro com este rotulo tremendo: *O fim dos tempos ou o fim proximo do mundo — A segunda vinda de Christo, ás portas.*

Além disso escripto por um padre, em forma de sermão, com citações e commentarios, accumulando nas suas 124 paginas todas as ameaças biblicas que abrem com a primeira pagina do *Genesis* e fecham com a ultima do *Apocalipse*...

Declaro que recebi o livro de mau modo, a distancia, com o punho fechado e a sobrancelha carregada.

Seceguei, porém, quando o abri. Porque, contra a minha expectativa, não se trata duma obra de these, scientificamente deduzida, mas duma simples *chuchadeira* que o seu autor, padre Gonçalo Alves, mandou offerecer ao respeitavel publico.

E' certo que as suas intenções foram sinistras. Sem duvida elle quiz aterrorizar, não direi já a humanidade, mas pelo menos os vizinhos, e para isso trouxe-lhes Moysés e as suas furias, Daniel e as suas ameaças, as lagrimas de Job, os desalentos de Jeremias, todas as iras do Evangelho, espraiando-se pelo Apocalipse, onde encontrou a melhor das suas fontes.

Para se vêr até que ponto este sacerdote abusou da credulidade publica, basta citar esta passagem: "Tenho, pois, que fazer um estudo muito interessante sobre a Biblia e demonstrar que os prophetas do Senhor predisseram todas as coisas que deveriam acontecer nos ultimos dias do mundo, que affirmo serem os nossos... Appello para a Biblia"...

E se bem o diz melhor o faz. Tanto e tão pouco que chega a ver prophetizada nesse livro a destruição de Benavente! O terramoto de Lisboa, esse, não ha duvida nenhuma — foi predito, claramente, no Apocalipse de João, capitulo VI, vers. 12.

Eu não posso nem devo fazer aqui uma analyse severa de tal livro, porque isso levar-me-ia longe e o publico que me lê desataria a rir

Tão pouco sério é este livro, tão hilariante é este padre!

Contudo é bem provavel que alguem o tenha tomado a sério. E' possivel que alguem tenha acreditado nessas citações, colligadas a esmo.

Se tal aconteceu, é necessario, é urgente que se saiba a verdade.

O sr. padre Gonçalo quiz troçar com o publico. Não tinha que fazer e fez um livro. Ou antes: fez um embuste.

Porque esse senhor, transcrevendo da Biblia todas as passagens onde troveja a colera divina em odio contra a humanidade, affirmando que Deus em breves tempos ha de descer das nuvens para aniquilar os povos, sem deixar pedra sobre pedra, fez apenas um jogo de palavras. Mas foi um jogo estupido, uma brincadeira de mau gosto.

A tal ponto que levou o seu autor ao conflicto dos textos, e aos desvarios da razão.

Porque esse padre sabe muito bem que o seu Deus é incapaz duma acção dessas.

Primeiro porque elle não é tão mau como o querem fazer: segundo porque, ainda mesmo que elle fosse um carrasco dos da peor especie e quizesse destruir-nos, como o livro annuncia, pela bocca dos textos, a verdade é que não o faria nunca, por esta simples mas sufficiente razão: é que não tem forças para isso.

Não sou eu quem o diz, é elle proprio, e nós não devemos ser nunca mais papistas que o papa.

Com effeito, esse Deus dos exercitos, que os padres agora, com o *Portugal* á frente, querem accender contra nós, os livres-pensadores, affirma claramente pela bocca infallivel dos prophetas (Juizes-I-19): "E foi o Senhor com Judá e tomou posse da montanha; mas não pôde derrotar os que habitavam o valle, porque estes tinham muitas carroças armadas de foices (!)

Lá vem claro e preciso no mais autorizado latim: *quia falcatis curribus abundabant.*

Ora quando elle não pôde resistir ás carroças de meia duzia de lapuzes, que no fundo dum valle arreganhavam os dentes, como resistirá agora, em pleno seculo XX, á nossa astucia e ao nosso engenhos, armados como estamos?

Porque, lembrem-se os padres bem, nós não temos já as caçadeiras do tempo de Noé: nós temos armas de fogo rapido, canhões Krupp, bombas de dynamite, o diabo.

E claro está, cada vez somos mais moços, mais perfeitos, porque ajuntamos aos conhecimentos, ás experiencias de hontem, os conhecimentos e as experiencias de hoje.

Ao passo que Deus não augmentou em poder, não evolucionou, não progrediu, nós progredimos, e avançámos em todos os sentidos. Deus ficou o que era, nós mudámos immenso.

As carroças e as foices que o desapontaram a elle, foram por nós substituidas, com immensa vantagem, pela artilharia de montanha.

Não pense, pois, em nos atacar por terra.

E por mar ainda menos, porque os vasos de guerra que actualmente se fabricam, não são, como a Arca de Noé, feitos de pranchas, ligadas com cavilhas. São couraçados monstruosos, ladeados de canhões pesadissimos, podendo arrazar em dois minutos uma cidade tão grande como Babilonia, que Deus no entanto levou a destruir bastantes annos.

Ora se elle não pôde impancar-se com os labregos das carroças, como se impancará comnosco, assim munidos e alerta?

O sr. padre Gonçalo ameaça-nos ainda com o juizo final, para breve, no valle de Josatat, onde Deus nos ha de tirar contas de tudo o que fizemos e pensamos.

Não sei. No entanto bom será que pense bem. Olhe que se os homens se reunem todos nesse valle e Deus fala mais alto, ameaçando, não respondo pelas consequencias.

Os homens são terriveis quando se reunem. E se o sr. padre Gonçalo pensa em meter o seu Deus nesse barulho, pode ficar sem elle. Ha creaturas de maus figados.

E olhe que uma pistola *Browning* ou uma bomba de dynamite não é para comparar com as taes carroças, armadas de foices, diante das quaes o seu Deus teve que fugir um dia, segundo reza o texto supra. E mais era nesse tempo um moço. O que seria hoje, com todos os achaques da velhice...

THOMÁS DA FONSECA.



Aos assignantes

Estamos procedendo á cobrança nesta capital.

Contamos com a coadjuvação de nossos assignantes que assim favorecerão a imprensa liberal, a unica em condições de combater a intolerancia religiosa e o fanatismo deleterio e dissolvente.

Pedimos aos nossos assignantes o favor de, caso estejam ausentes de casa habitualmente, darem a uma pessoa da familia ordem de pagamento quando se apresentar o nosso cobrador, evitando-nos assim grande perda de tempo.

A Escola Moderna premiada

A Escola Moderna de Valencia, dirigida por Samuel Torner, é a principal das que seguiram o modelo fundado por Ferrer. Foi ella que Ferrer escolheu como centro e nucleo, quando a de Barcelona foi arbitrariamente fechada por occasião do seu primeiro processo e foi o orgam que ella publicava *La Humanidad Nueva*, que substituiu o *Boletin de la Escuela Moderna*, de Barcelona, durante a suspensão deste. No momento da sublevação catalã, Samuel Torner foi preso e deportado e a sua escola cerrada, por ordem do famigerado Maura.

Pois bem: nestas circunstancias, em momento tão critico, e em concorrencia com todas as escolas clericaes, é que os trabalhos da escola de Torner, que concorrera á exposição de Valencia, foram julgados por um jury insuspeito e mesmo hostil.

A Escola Moderna de Valencia entrou no certamen, expondo uma grande quantidade de trabalhos manuaes, mappas, apparelhos de physica demonstrativa, quadros de historia natural, etc., etc., tudo executado pelos adiantados e habeis alumnos da formosa instituição racionalista. Estes trabalhos occupavam uma sala inteira, que foi visitadissima, sendo muito elogiada a obra dos discipulos do mestre infamemente perseguido.

E o triumpho foi completo. O jury da exposição concedeu á Escola Moderna e ao seu director UMA MEDALHA E DIPLOMA DE GRAN PREMIO.

Os immundos folliculários catholicos que, contra o bom senso e a boa fé, continuam a vomitar as mais repugnantes injurias contra os alumnos destas escolas, attribuindo-lhes os mais monstruosos crimes — quando nenhum de taes discipulos chegou a homem — esses reptis ascorosos é claro que nem de longe alludirão a este indiscutivel e insuspeito triumpho.

Continuarão a expellir e a remastigar o seu vomito nojento.



Distincção christã

Um correspondente anonymo e malicioso remetteu-me o prospecto impresso do Collegio Santa Ignez, que funcciona em S. Paulo e é dirigido por uma corporação religiosa: a das «Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora».

O titulo dessa corporação é extravagante e pleonastico. Para que dizer «Irmãs filhas?...» Pois se todas são «filhas de Maria Auxiliadora», são fatalmente entre si irmãs.

Mas o que essas «irmãs filhas» têm de melhor é que, embora o seu collegio esteja posto sob a invocação de Maria Auxiliadora, os estatutos declaram logo que «não serão admittidas no estabelecimento alumnas de côr».

Ora, nada é mais licito do que vêr qualquer particular não querer ensinar ou mesmo não querer entreter relações com pessoas de côr. Póde contestar-se a sua razão; mas não se pode contestar que se trate do uso de um direito.

Quando, porém, as fundadoras de uma instituição de ensino vão pôr-se debaixo da invocação de uma entidade, que passa por ser a mais alta personificação religiosa da bondade e do amor, é de estranhar que sejam as primeiras a instituirem uma exclusão odiosa. Nem mesmo lhes é licito allegarem que se limitam a transigir com um preconceito que não criaram. O seu dever era lutar contra elle.

Estranha Nossa Senhora Auxiliadora essa que adoram e invocam as fundadoras do collegio Santa Ignez: uma Nossa Senhora Auxiliadora, que só auxilia a quem mostra pelle branca...

Pelo desejo dessas religiosas, São Pedro teria pregado no céu um cartaz: «Não serão admittidos no paiso devotos de côr». E o bom São Benedicto teria tido de bater em retirada, quando lá chegou...

No fim de contas, o que isso prova é que as suppostas religiosas, que isso fazem e os bispos que as toleram ou applaudem, não podem ter uma crença muito firme na religião que apregôam...

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.



CONCURSO

(Carta do Inferno a todos os sabios da Terra)

Eu, abaixo assignado, soberano absoluto, commandante em chefe e generalissimo de todas as forças e legiões colligadas de Demonios que habitam os sombrios, profundos e pavorosos subterraneos do abysmo, situados nas insondaveis profundezas do Inferno, tentador de Adão e Eva, inspirador de Caim, companheiro inseparavel de Judas Iscariote e conhecedor como sou do Mundo, dos homens e das coisas, sabedor do principio do Mal e conhecedor da origem do Bem; versado em todas as materias que dizem respeito ao Universo, etc., proponho — a todos os sabios e publicistas, historiadores e geographos, physicos e chimicos, naturalistas e medicos, astronomos e mathematicos, theologos e metaphycos, sophistas e casuistas, papa e cardeaes, ecclesiasticos e seculares e a todos os grandes e pequenos, altos e baixos, gordos e magros, que forem ou se acharem capazes de responder, etc., etc., etc — a solução dos seguintes problemas:

1.° —Quem é Deus, onde está e, chimicamente talando, de que substancias se compõe seu corpo ou a que reino da Natureza pertence?

2.° —Antes de criar o Mundo, onde estava elle e que fazia?

3.° —Que causa, motivo ou força determinou Deus a criar o Mundo?

4.° —Admittindo-se que Deus criasse o Mundo, de que o criaria?

5.° —Antes de Deus criar a Luz, estava elle ás escuras?

6.° —Se o *nada* existe, como demonstra-lo?

7.° —Suppondo-se por um momento que Deus exista, em que planeta estará elle dos bilhões que existem no Universo?

Notem bem: —Todas as respostas que nos forem enviadas serão submettidas a um jury composto de 200 milhões de Demonios, sendo que o que melhor houver respondido será gratificado com o summo pontificado no proximo conclave em substituição a Pio X, a quem muito brevemente tencionamos ir buscar.

Dada na secretaria do Inferno, rodeado de todos os Papas, meus vassalos e em presença de todos os espiritos malignos das Trevas e demais Potencias Infernaes, aos 5 dias de Maio de toda a Eternidade.

Por S. M. Satanás, nosso legitimo Senhor e chefe: —Gregorio VII, 1.° Secretario Geral de todos os Estados Infernaes. (Seguem-se as assignaturas de mais 263 Papas.)

RELIGIÃO E CLERO

(Ao reverendo padre João Ravaioli)

VIII

Adora o Sol e as estrellas porque lhe dão a luz; tem uma veneração especial por certos animaes, por certas plantas, por certos rios, porque lhe dão carne, fructos e peixe com abundancia. Maldiz a tempestade, o raio, o trovão, porque o enchem de terror e espanto. Considera factos naturaes, logicos, todos os phenomenos que sabe explicar; vê, pelo contrario, a presença de forças mysteriosas em tudo aquillo cujos motivos não consegue descobrir. A pedra em que tropeça deve ser animada por um espirito maligno; o rio que murmura com doce lamento deve encerrar vozes arcanas de coisas incomprehensiveis; os rumores imprevisos e aterradores da floresta devem ser furias que se desencadeiam, a acção de corpos animados; o Sol, a Lua e as estrellas que brilham no firmamento devem representar seres animados, extraordinarios, com a faculdade de dar luz á Terra.

Mas estes cultos diversos da natureza, estas formas primitivas de religião heliolatrica, zoolatrica, etc., bem longe estão de ter a menor relação com a crença num Deus sobrenatural, creador do mundo e numa vida posterior á morte.

Os viajantes que exploraram as regiões centraes da Africa, da Australia, de Sonda, e os missionarios catholicos que viveram annos e annos em contacto com as tribus selvagens destes lugares, todos sustentam unanimemente que entre ellas é absolutamente desconhecida a ideia dum ser superior a todas as coisas e duma alma immortal.

E' só depois de longos annos de educação e de esforços que os missionarios conseguem catechizar alguns selvagens, isto é, fazer-lhes conceber a existencia dum Deus que dirige os destinos do mundo, que pune ou recompensa após a morte.

Deus, Diabo, Paraiso, Inferno — são balelas que os padres trataram de firmar no cerebro dos homens, por meio duma obra secular, persistente, de embrutecimento das consciencias e de obscurantismo, espantalhos ridiculos, grotescos, esboçados pela ardente imaginação do homem e agitados sobre o mundo pela Santa Madre Igreja catholica apostolica romana, para idiotizar os povos e mante-los escravos, resignados, obedientes, aos pés dos despotas e dos tyrannos.

A creação dos deuses e de todas as outras bugigangas sobrenaturaes foi um episodio da historia humana: uma necessidade de ordem politica e economica, como opportunamente demonstraremos, num capitulo á parte.

•

O antigo aphorismo que Deus creou o mundo deve ser hoje substituido por este outro mais scientificamente baseado, mais logico e mais justo: o mundo creou um Deus á sua propria imagem e semelhança, dando-lhe os seus diversos attributos. Através de toda a vasta cadeia dos dogmas religiosos, Deus não se revela com effeito senão como uma personificação das forças naturaes. Ora é o relampago a força viva em que se manifesta; ora, o raio, o trovão, o arco-iris, a chuva benefica que faz crescer as searas, o Sol que amadurece os fructos, etc. Fora destes elementos e destes phenomenos cosmicos, não ha manifestação divina, objecto de adoração e de culto. Tirai a natureza, diz Feuerbach, e tereis supprimido Deus. No christianismo, Deus é o «poder infinito» correspondente aos dois principaes attributos do universo — a eternidade no tempo e o infinito no espaço; nas religiões polytheistas, mazdeista, búdhica, brahmánica, a «essencia universal» (*cosmos*) é dividida em varias divindades secundarias que symbolizam o fogo, a luz, o ar, os planetas, as tempestades, os mares (as forças activas da natureza); entre os povos primitivos, o Deus supremo é o Sol.

O sol que resplende majestosamente no alto dos ceus, que desapparece e resurge, que afugenta as trevas da noite, que derrama o calor e a fecundidade de sobre a Terra, que actua poderosamente sobre o nosso ser com forças inextinguiveis, que nos sobrevivem, foi o primeiro elemento da natureza que se impôs á adoração dos povos nas mais remotas eras, o primeiro Deus que deu vida a todos os outros e que passou, sob nomes diversos, a ser base de todas as religiões que se seguiram no decorrer dos tempos — inclusivè a christã.

O culto do Sol não se acha sómente no seio dos povos primitivos da idade da pedra e no das tribus selvagens do nosso tempo, que habitam os sertões da Africa central, da America e da Oceania, mas estende-se através de civilizações diversas, a todas as religiões do mundo e descobre-se nos seus caracteres originarios e symbolicos até entre as nevoas do mais puro espiritualismo platoniano. Roma, a Grecia, as Gallias, a Caldeia, o Egypto, como a Assyria e as Indias, adoraram, nas suas divindades diversas, o Sol e os seus attributos. Toda a mythologia vedica (de *Vedas*, livros sagrados da religião de Brahma) não passa duma divinização das forças da natureza. do Sol, do Fogo, da Luz. «O Sol, diz Porfirio, foi uma divindade das mais adoradas no Egypto. E' elle que, sob o nome de *Râ*, de *Ammon*, de *Horus*, de *Ptah*, de *Osiris* e de *Aston*, domina o immenso Pantheon e irradia dos mais faustosos altares nos templos mais magnificos». (Porfirio, *De bstinentia*, VI, pag. 16). Sobre os tumulos reaes de Thebas achavam-se incisões nas quaes o Sol é saudado, ao surgir no Oriente, com estas palavras: «Salvè! ser supremo, que navegas no horizonte!» Em Roma, em varios baixos-relevos do culto de Mithra. estão insculpidas estas palavras: «Soli invicto deo». A estatua de Mithra, na Persia, na Asia, nos valles do Danubio e do Rheno e em Roma, representa o Sol. Em Edessa, na Syria, 312 annos antes de Christo, existia um templo consagrado ao Sol. O globo alado do Sol dos egypcios acha-se tambem entre os phenicios e os persas, figurado nos objectos de uso da Caldeia e glorificado com o nome da «luz do Universo». Agamemnon, em Homero, diz ao Sol «ó Tu, que tudo vês e tudo ouves». Orpheu, na Grecia, considera o Sol como a suprema divindade. «Eu creio — diz o imperador Juliano — que, como affirmam os sabios, é o Sol o pai commum dos homens, e invoco-o para que me conceda a eterna estada junto delle». Plutarco chama-lhe «a principal divindade da natureza». Todos, escrevia Luciano, vêem brilhar o Sol na sua patria, e embora cada um o diga *seu*, é um deus a todos commum. Na Russia adorava-se o Sol (*Dai-bog*), que tinha uma estatua numa praça de Kiev. Na China, a religião official é o culto do Sol e dos antepassad s. Os habitantes da Nova Caledonia dirigiam ao Sol esta supplica: «O que eu faço, ó Sol, é para que sejas tão ardente que devores as nuvens que estão no espaço!» Os mexicanos, os tupinambás, os habitantes do Chile e do Peru adoravam o Sol, os astros e o fogo. Quasi todas as divindades pagãs são descendentes do Sol. Brahma, Vischnu, Prometheu, Budha, Zoroastro, Ammon, Osiris, Ormudz, Anu, e outros deuses secundarios da Persia, da India, da Caldeia, do Egypto, são mythos solares, personificações do Sol, da Luz, do Fogo. Apollo é outro mytho solar. *Zeus*, em sanscrito significa «luzente». Nos Vedas, o Sol é chamado *pai celeste*. «Quanto mais se penetra, diz Max Müller, na natureza intima dos cultos primitivos, tanto mais nos convencemos de que elles se referem em grande parte ao Sol».

ORESTE RISTORI.

Grupo Libertario

Segunda-feira proxima, á avenida Rangel Pestana, 137, ás 8 horas da noite, realizar-se-á uma reunião de libertarios do Braz, com o fim de ser fundado naquelle bairro mais um grupo de propaganda.

Para essa reunião são convidadas todas as pessoas que estiverem de accordo com o fim dessa reunião.



Lanterna magica

Logica catholica

De uma folha catholica são estes dois trechos:

Em Piracaia uma commissão popular angariou assignaturas dos jurados dessa comarca afim de pedir a collocação da imagem do Crucificado na sala do jury.

Dirigida ao dr. José Pinheiro Lima, digno e correcto juiz da comarca, foi essa petição immediatamente deferida.

Parabens aos catholicos de Piracaia e louvores a esse integerrimo magistrad .

«Fica, pois, o busto de Garibaldi constituido uma offensa porpetua aos sentimentos do povo, que é catholico na sua totalidade. Uma vergonha!

No primeiro caso, mesmo com a separação entre a Igreja e o Estado, não ha offensa aos sentimentos dos livres pensadores...

No segundo caso, tratando-se dum lugar publico, como a rua onde circulam á vontade procissões, ha offensa ao povo catholico...

Deixando de lado o direito das minorias, o facto é que a multidão que applaudiu com enthusiasmo as affirmações mais liberaes no dia da inauguração do busto era mais numerosa que o povo que segue sinceramente, convictamente, as procissões.

Os militantes e partidarios convictos de qualquer ideia ou credo são sempre minorias — sobretudo numa cidade.

Processos do confissionario

Duma correspondencia de Tremembé para o *Estado de S. Paulo*:

«Na quinta-feira santa deu-se nesta villa um facto bastante grave sendo protagonista o vigario desta parochia. Uma senhora de respeitavel familia, religiosa, como de costume, dirigiu-se á igreja afim de confessar-se.

Grande foi, porém, o espanto da pobre senhora ao vêr que o sacerdote lhe fazia perguntas immoraes e que offenderiam a dignidade e honra de qualquer senhora honesta. Em virtude disso, ella levantou-se do confessionario bastante nervosa.

Para esse facto, chamamos a attenção do sr. bispo da diocese de Taubaté, afim de chamar á ordem o audaz vigario, pois não é a primeira vez que pratica as suas façanhas, tendo-se disso queixado diversas senhoras.»

Appellar para o bispo — tem graça! Como se o remedio pudesse vir de dentro, do organismo pôdre em todos os seus membros!

Appelle-se para a razão contra a propria instituição ecclesiastica.

Frades «cavadores»

Do *Estado*, de 6 do corrente:

Ha dias chegaram da Argentina dois padres syrios, que andam pelas ruas da capital, explorando os incautos, ora pedindo esmolas para uma Santa Casa de além-mar, ora pretendendo impingir um livro qualquer.

Esses dois padres, de batinas sujas, um é possuidor de enorme barba que lhe vai ao peito e o outro, imberbe, de faces extrordinariamente rosadas.

Ambos levam, sob o braço, grande quantidade de livros santos, biblias, etc.

Assim, vão elles percorrendo as ruas, de preferencia os arrabaldes, vendendo a sua mercadoria depois de um rosario enorme de lendas, contadas em pessimo portuguez.

Hontem, durante o dia, foram elles ao Instituto de Sciencias e Letras, á rua Senador Queiroz, 24, sendo recebidos attenciosamente pelo vice-director daquelle estabelecimento de ensino, sr. Sevain Moraud d'Arvignac.

Os dois padres, que se chamam José Denia e João Simão, pediram ao sr. d'Arvignac algumas esmolas, depois quizeram comida e por fim, pretenderam á viva força impingir os seus livros.

Como não fossem attendidos na ultima parte dos seus pedidos, os dois sacerdotes syrios assumiram uma attitude aggressiva, não querendo retirar-se do estabelecimento.

Houve ligeira altercação entre o vice-director do Instituto e os dois padres.

Um delles, João Simão, (o possuidor das longas barbas) falando indignado o seu idioma, sacou de um enorme punhal, avançando resolutamente para o sr. d'Arvignac.

Este senhor, usando da prudencia, chamou dois praças, os quaes prenderam os exaltados padres, conduzindo-os ao posto policial de São Caetano, onde tomou conhecimento do facto o dr. Cantinho Filho, primeiro delegado.

O occorrido provocou grande escandalo, tendo sido os dois sacerdotes syrios acompanhados até á porta da delegacia por grande numero de pessoas, e debaixo de tremenda assuada.



Ah! a gente santa...

Do mesmo jornal, do dia 11

ROMA, 10 — As autoridades policiaes de Genova — segundo resa um telegramma procedente daquella cidade — effectuaram a prisão do guarda da camara mortuaria do Polyclinico, de nome Humberto Cristofari e da irmã de caridade de nome Virginia.

Ambos são accusado de ter despojados os cadaveres ali depositados, vendendo a proprio proveito as roupas brancas dos mesmos.



Questão de dinheiro

Do *Estado*, de 22:

THEREZINA, 21 — Entre os procuradores da Irmandade Fraternidade Piracururense e o bispo diocesano foi assignado um accordo sobre as fazendas de gado de Nossa Senhora do Carmo e Piracuruca.

De conformidade com o accordo estabelecido, uma das fazendas, com 500 cabeças de gado vaccum, passará ao patrimonio da igreja de N. S. do Carmo.

Esta usurpação que um queria fazer a outro é que deu lugar á accusação contra os maçons de Piauhy e contra o proprio governador do Estado. O bispo havia telegraphado ao dr. Ruy Barbosa, que falou no senado accusando os livres-pensadores.

Eis ahi, uma questão de passar a perna em outro. Nada mais.

A ironia

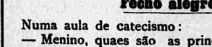
Do *Estado*:

BUENOS AIRES, 20 — No dia 25 do corrente será celebrado um solenne «Te Deum» na cathedral desta capital, em commemoração do centenario da independencia.

Por essa occasião será benzida uma bandeira toda branca symbolisando a paz, sendo tambem inaugurado a estatua de Christo, no Andes.

Isto dspois que os bispos do Peru e do Equador offereceram os bens para a guerra e estimularam os sentimentos guerreiros...

A historia tem demonstrado a cada instante o pacifismo dos apostolos, representantes e ministros de Christo...



Fecho alegre

Numa aula de catecismo:

— Menino, quaes são as principaes festas do anno?

— Pascoa... Natal... Todos os Santos...

— E que mais?

— E o dia dos meus annos...

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

Na Federação Operaria, rua do Hospicio, 166.

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Visconde de Sapucahy;

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

THEATRO S. PEDRO, á praça Tiradentes;

RUA DO OUVIDOR, na agencia do sr. Braz Lauria.

As nossas gravuras

Por não ter ficado prompta a tempo, deixamos de publicar neste numero a nossa habitual gravura.

A conquista clerical de Campinas

II

Sociedades catholicas — «Santa Casa» — Lyceu de Artes e Officios — A imprensa — A carreira dum joven catholico.

Os padres fundaram, na cidade vizinha, mas de vinte associações catholicas — de brancos, de pretos, de mulheres — com os mais variados nomes dos santos em voga.

Mas não basta: apoderaram-se completamente da «Santa Casa de Misericordia», onde são as freiras que mandam. O proprio «Lyceu de Artes e Officios», que surgira como instituição laica, foi parar nas mãos dos salesianos, que recebem um subsidio do governo estadual, alem dos donativos dos particulares, para explorar deshumanamente os rapazes confiados á sua educação. Nas officinas do Lyceu imprimem-se dois jornaes catholicos — *Ave Maria* e *Santa Cruz* — que servem perfeitamente para diffundir a mais tola superstição nas familias. A educação da infancia está toda, pode dizer-se nas mãos dos padres e das freiras. Havia só um asylo dirigido por duas irmãs professoras leigas; mas vieram certas freiras e fundaram novo asylo, tendo o outro de fechar as portas.

A imprensa está tambem monopolizada pelos tonsurados, que têm *quatro* periodicos seus: *Ave Maria, Santa Cruz, O Mensageiro* e *A Verdade*.

Os proprios quotidianos, que em numero de três se publicam em Campinas, estão escravizados ao clericalismo. Antes da invasão desta peste, era a imprensa bastante liberal e hospitaleira: hoje um cidadão, que não seja submisso á Igreja não acha ali um jornal que lhe empreste as columnas para exprimir as suas ideias, mesmo da forma mais moderada e serena.

E' a mordaça imposta ao pensamento leigo, é a coacção mais dura e mais repugnante vedando a exteriorização de qualquer conceito levemente liberal.

Isto o conseguiram, por um lado, exaltando e remexendo com trabalho infatigavel toda a lia supersticiosa da massa, e por outro lado, appellando para todos os sentimentos utilitarios, ajudando os devotos servos do clericalismo e perseguindo os que não querem curvar-se á vontade do padre.

Os reverendos conquistadores de Campinas não são com effeito muito escrupulosos na escolha dos meios. Com tanto que alcancem o escopo, não se importam de empregar argumentos que estão em contraste directo com a doutrina que dizem professar.

Por exemplo: querendo encenar na semana santa o chamado «Drama da Paixão», á imitação das palhaçadas religiosas do genero que se perpetram em algumas cidades europeias, fazem propaganda desta ideia com curiosos raciocinios — curiosos sob o ponto de vista christão — dos quaes vale a pena dar ao menos uma amostra.

O seraphico *Mensageiro* publicou, no seu n. 44, de 3 de abril, a seguinte carta, da qual não alteramos uma virgula:

«Posta em realidade a ideia de se fazer para o anno a representação do drama da Paixão de N. S. Jesus Christo, na Semana Santa, Campinas despertará no Brasil o mesmo interesse que Oberamergau e Nice despertam na Europa.

Estas duas cidades são, por essa occasião, visitadas por innumeras pessoas, que, de toda a parte, vão assistir a tragedia do Calvario representada ao vivo.

Os hoteis se enchem, os bazares esgotam seus stocks de quinquilharias, os armazens de modas desenvolvem suas vendas, os theatros ficam repletos, cafés, todos, em summa, lucram.

Campinas, sr. redactor, é uma cidade como se sabe, dotada de todos os recursos para comportar centenes de visitantes que aqui têm muito que vêr e se distrahir durante alguns dias.

Mas, não somos beneficiados com os horarios de trens, devido a estar a nossa cidade muito proxima da capital e assim todos passam para S. Paulo, de modo que para tudo :ó contamos com gente daqui.

Essa idéa de dar grande realce ás solennidades da Semana Santa traz para nós, alem das vantagens espirituaes, outras de ordem material de interesse para o commercio campineiro.

Eis porque merecem os applausos os autores desse projecto grandioso que, estamos certos, se tornará em facto.»

Edificante, não é verdade? A ideia de utilizar Christo e a commemoração da sua morte para engordar o commercio, encher os hoteis, theatros e cafés e dar saída ás quinquilharias e modas, só podia acudir a padres... que sabem com quem lidam.

A adulação de todos os vicios e vaidades, que estes vendilhões do templo põem em pratica para estender o seu poder é peor do que uma ignobil especulação. Não se trata evidentemente de fé, mas dum grosseiro mercado digno dos modernos fariseus, duma abominavel exploração dos mais baixos appetites de lucro mercantil em nome da religião.

E' este o systema dos corvos em cujas unhas está hoje Campinas.

Fundam principalmente o seu poder sobre esta especie de mercado e, assim como intimidam todos os que poderiam erguer-se contra a sua torpe dominação com a ameaça da boycottagem esfomeadora, assim ajudam por todos os modos os que se prestam a servir-lhes de lacaios e capangas.

A este proposito é summamente instructiva a historia dum joven militante do partido catholico, cujo nome é escusado dizer aqui. Filho de italianos, de intelligencia mediocre, exercendo uma profissão manual, tem hoje, graças á protecção clerical, um lucrativo emprego, fez-se jornalista e edita almanaques que lhe rendem bons cobres. Amanhã será advogado e far-se-á deputado!

Até aqui o estudo de *La Scure*. No proximo numero uma parte dos «Estatutos da Episcopal Associação dos Cooperadores Diocesanos», assim como a narração de alguns casos, que nos são referidos em cartas recebidas de Campinas.

Não pode ir tudo duma vez, e ha muito ainda que dizer.



Resumo da Historia das Religiões

III

Os systemas religiosos

Os poemas religiosos da antiguidade não se limitavam a descrever sob o veu das ficções e das allegorias, os diversos aspectos do ceu e as revoluções periodicas dos astros; contavam tambem da mesma maneira a historia do mundo e da origem dos seres, tal como a imaginavam. As suas concepções, nas quaes a imaginação tinha parte maior que a observação, parecem-nos hoje de excessiva simplez. Mas nem por isso deixaram de constituir um util esforço do espirito humano para a descoberta das leis e dos phenomenos da natureza.

Aquellas primeiras tentativas de generalização e de vulgarização scientifica, manifestaram-se por numerosos systemas religiosos, variando consoante os conhecimentos e estado de espirito, o meio e a raça dos seus autores. Fastidioso seria analysa-los todos. Limitar-nos-emos a assignalar o dos persas que serviu de base e modelo ás religiões mais recentes.

Segundo as lendas religiosas dos antigos persas, o mundo fôra formado em seis dias ou periodos. No primeiro, foi creada a terra; no segundo, o firmamento; no terceiro, o mar e os rios; no quarto, o sol e a lua (1); no quinto, os animaes; no sexto, o homem. Esta divisão em seis dias, ou periodos, pode parecer singular. Porque não ter supposto simplesmente que o mundo tenha sido creado em bloco, o que teria sido por igual facil ao creador?... Mas esta divisão em seis dias correspondia ás ideias astronomicas de então. Effectivamente os persas dividiam o tempo em pe-

(1) Já fizemos notar mais acima que os antigos ignoravam que a luz nos vem o sol; por isso não faziam crear o sol senão no quarto dia. Esta historia da creação iis quasi literalmente reproduzida na Biblia judaica.

JOSE MARTINS (8)

AS IMPIEDADES DOS PIOS

E

As piedades dos Impios

Definição das palavras "Pio" e "Impio"

O DECALOGO

III

Para compendiar todas as perseguições, roubos e matanças commettidas pelos catholicos contra os sectarios das outras religiões, especialmente os Judeus, as principaes victimas do odio clerical, seriam precisos alguns volumes; todavia, elles não gozaram de socego senão desde a Reacção Franceza para cá. A revolução russa, nestes ultimos annos, têm renovado contra elles os tempos medievaes.

O delirio de matar e roubar havia-se apoderado do mundo christão em fins do seculo XI; a ambição dos principes christãos; a rapacidade dos bispos, principalmente dos papas; as rixas dos barões uns contra outros; o egoismo e crescente depravação do clero; a superstição, ignorancia e profundo embrutecimento dos povos, traziam a Europa dilacerada por interminaveis guerras.

Ao passo que os povos jaziam no mais profundo aviltamento, os seus dominadores— reis, papas, bispos, barões e todo o clero—porfiavam em ostentações e luxo: cavalgavam fogosos corseis, vestiam de sêda e purpura, e as suas mezas cobriam-se com os mais exquisitos manjares. (1)

O poder temporal dos papas, fundado e cimentado nos ensanguentados despojos dos saxões, lombardos e outros povos, a quem Pepino o Breve e Carlos Magno, os protectores da Igreja romana, exterminaram; os hypocritas manejos desta e do clero, que propagaram, no anno 1000, que o mundo se ia acabar, para arrancar, como effectivamente conseguiram, riquezas aos povos, credulos e ignorantes, tudo isto tornou a Igreja possuidora de incalculaveis riquezas.

Ora, quem muito possuia muito tinha que guardar contra a provavel reivindicação dos povos num momento dado, tanto mais certo quanto andavam famintos, esfarrapados e sumidos na mais completa abjecção.

Para isto, a Igreja recorreu a um expediente digno de Machiavel, ao qual deram pretexto, e coroaram com o mais pleno exito, os queixumes dos christãos estabelecidos na Palestina, trazidos á Europa pelo porta-voz de Pedro o Cuco ou Eremita.

Os lamentos dos christãos narrados pelo Eremita, foram tomados tanto a peito pela Igreja catholica, quanto maior era o interesse que ella tinha em desfazer-se daquella plebe fanatica e ignorante, que, como dissemos, podia incommodala na tranquilla posse de seus bens de um momento para outro.

Aproveitou-os, pois. Urbano II, com sua furibunda eloquencia secundada pelo clero, consegue reunir um exercito de 300 mil facinoras (1095), a quem incita á conquista da Terra Santa para vingar os ultrajes feitos a Christo e aos christãos pelos mahometanos, em troca do quê promette-lhes o céu, o perdão dos peccados e a impunidade dos crimes por nefandos que sejam.

Então, esta orda de assassinos, chefiada por padres, põe-se em marcha, atravessa a Europa como um temeroso vendaval; mas não chega ao seu destino, porque a meio do caminho é completamente destruida pelos hungaros, turcos e gregos.

No anno seguinte (1096), nova orda se reune duplamente reforçada; mas o fim della é o mesmo.

Portanto, no curto espaço de 5 annos, a Igreja enviara para os matadouros da Palestina 900 mil ou 1 milhão de homens; e em 170 (1100-1270), enviou mais 5 milhões em diversas expedições, conhecidas na Historia com o nome de Cruzadas.

Entretanto, a loucura religiosa, á qual se associavam as ideias de matar e roubar, proseguia na sua obra destruidora.

As numerosas e sempre crescentes heresias, originadas pelos desregramentos do clero, que não reparava nos meios de enriquecer-se e se fizera mundano, reunidas á hypocrisia e não menos sêde de riquezas dos papas, cuja preoccupação continua consistia em enthesourar ouro, eram constante motivo de terriveis perseguições religiosas, cortejadas por um medonho circulo de fogueiras, incessantemente alimentadas com os corpos de milhares de individuos.

Desde o seculo XII em diante as fogueiras começam a arder com regularidade; milhares de sêres humanos são consumidos pelas chammas: são os manichéus, os albigenses, os paulicianos, os catharos e outros herejes que, com seus corpos, lhes fornecem combustivel.

Nessa epoca tenebrosa, a Igreja domina o mundo, sim, mas pelo terror, isto é, pelas espadas dos principes, seus alliados, pelos numerosos tribunaes da Inquisição, secundados por terrivel circulo de queimadeiros, pelo cégo fanatismo e, muito especialmente, pela crassa ignorancia que impera em todas as camadas sociaes.

Innocencio III persegue, com uma ferocidade de tigre, os numerosos manichéus de Viterbo, de cujos bens se apodera; Gregorio IX "promulga ferozes decretos contra patharinos e catharos, a quem condemna ás chamas, e em caso de conversão a carcere perpetuo"; Honorio III manda queimar os herejes de Brescia (1225); Innocencio IV, por intermedio de Pedro de Verona, ordem o exterminio da população de Florença (1245) e Clemente V a de Novara (1307).

Desde 1208 a 1216, os "piedosos" catholicos não fazem outra coisa senão perseguir e exterminar albigenses; em tão curto espaço de tempo (8 annos apenas), os "piedosos" filhos de Deus arrancam a vida a 200 mil creaturas humanas!

Mas tantas perseguições, tantos morticinios, tantos assassinatos, numa palavra, tantas «impiedades» dos "piedosos" filhos de Deus, acabam por exasperar os povos e as represalias não se fazem esperar.

Assim, Pedro de Castelnau, um temivel inquisidor, é executado em Tolosa (1208); Rolando de Cremona, outro inquisidor, tambem é justiçado em Placencia; Pedro de Verona, tambem inquisidor, é igualmente justiçado em Modena (1252); Pedro Arcahuano padece igual fim em Brera; Pagano de Lucca e seus comparsas, tambem são executados na Valtelina; Simão de Montfort, debaixo dos muros de Tolosa (1218), e Pedro Arbues, apunhalado ao pé dos altares (1485), depois de ter atirado ás fogueiras da inquisição mais de 2 mil creaturas!

Por este tempo, a Inquisição, com as suas cohortes de mascarados familiares, já está estabelecida em quasi todos os paizes da Europa e em alguns da America, recentemente descoberta por Co-

(Continúa).

(1) A proposito disto diz C. Cantú: «Quando o arcebispo de Milão, Arnolpho, se apresentou como embaixador na côrte de Constantinopla, levava um enorme sequito de ecclesiasticos e seculares, entre os quaes 3 duques e muitos cavalheiros; tinha-lhes distribuido pelles de marta, de veiro, de arminho, e o cavallo em que montava, não só ostentava arreios de extraordinaria riqueza, senão que era ferrado de prata com cravos de ouro.» (*Hist. Univ.*, tradu. e amplia. por A. Ennes, vol. VIII, pag. 428). Tal é o testemunho que nos dá o catholico e sensato Cantú do clero da idade-media.

---

riodos de doze mezes ou milhares, seis dos quaes ficavam sob a influencia do bom principio que produzia a germinação, a florescencia e a fructificação; era a força creadora, personificada pelo deus Ormuz. Os outros seis ficavam sob a influencia do mau principio, destruidor do precedente e personificado por Ahriman. Estas doze divisões correspondiam aos signos do Zodiaco, que o sol percorre successivamente em duas series, durante cada revolução annual. A primeira começava no signo do *Cordeiro* (o Carneiro), que marca a volta da luz e do calor. A Terra torna-se então para o homem uma morada de delicias. Mas, quando o sol attinge o signo da Balança ou da *Serpente*, epoca do outomno, abandona as nossas regiões aos rigores do inverno. Fenece a vegetação. Começa então o reinado de Ahriman. Ao homem nada mais resta do que esperar o regresso do sol ao signo do *Cordeiro* que ha de salvar o mundo.

O curso do anno era assim dividido entre duas potencias oppostas, uma das quaes creava os seres, amadurecia os fructos, e destruia a outra os beneficios da precedente. Zoroastro, no seu ensino allegorico, contava que Ormuz, deus da luz e do bem, tinha dado ao homem um lugar de delicias e abundancia chamado *Eren*. Depois Ahriman, deus das trevas e do mal, fez a *Serpente* que introduziu o mal no mundo, isto é o inverno com as suas consequencias. A serpente está effectivamente collocada no signo da *Balança*, que corresponde ao outomno.

Os livros religiosos dos judeus inspiraram-se destas allegorias astronomicas.

O Genesis reproduz quasi sem modificações a lenda antiga dos persas sobre a creação do mundo. Relata tambem o que diz respeito á epoca da mudança das estações, dando um particular aspecto á luta dos dois principios. A epoca da passagem do outomno para o inverno é figurada pela arvore da sciencia do bem e do mal, na qual Jehovah, deus do bem e da luz, prohibe ao homem tocar sob pena de passar logo ao imperio do mal e das trevas. O Genesis põe em scena o primeiro homem e a primeira mulher, collocados num lugar de delicias chamado *Eden* (2); ahi a serpente incita a mulher a colher a maçã, fructo do outomno, epoca em que a constellação da *Serpente* traz comsigo o inverno que destroe todas as producções da terra. O Genesis refere que depois desta falta, sentiu o homem a necessidade de se cobrir, que se vestiu de pelles, e que se viu forçado a lavrar a terra, trabalho que effectivamente se opera no outomno. Os pormenores da narrativa da Biblia são duma fantasia perfeitamente oriental. Vê-se ahi o bom Deus em pessoa, Jehovah (3), vindo passear ao fresco num jardim para falar a Adão e a Eva. Esta metteu-se de parola com uma serpente, que fala como as serpentes das fabulas de Lafontaine; depois, a convite desta, come uma maçã que, por toda a eternidade deve produzir a desgraça de innumeras gerações que nem sequer as provaram. Não é menos surprehendente a consequencia deste fructo: em castigo da sua falta, é a mulher condemnada a parir com dor, como se esta dor não dependesse da sua organização e não lhe fosse commum com todos os animaes. Por sua parte a serpente seductora é condemnada a rastejar na terra, como se os reptis, privados de patas, podessem por acaso mover-se de outra forma.

Não ha duvida nenhuma de que tudo isto sejam puras allegorias, cuja trama facilmente se descobre no mytho astronomico dos persas. Estas ficções nem por isso constituem menos a base unica e fundamental da religião christã, enxertada sobre o judaismo, base intangivel sem a qual tudo se esboroa. E' sobre ella, com effeito, que repousa a historia de Jesus Christo, o Cordeiro divino, salvador do mundo, vindo para reparar o mal do peccado original, como o Cordeiro do signo astronomico repara os males do inverno reconduzindo a primavera.

(2) Na mythologia dos persas, este loga de delicias era chamado EREN. Os copistas hebreus transformaram-no em EDEN, por serem muito semelhantes na lingua ehbraica as letras R e D.

(3) O sr. Nicola, na sessão de 15 de maio de 1902, demonstrou á Sociedade de Anthropologia de Paris, que Jehovah era o mesmo que o deus Jahvé, personificação de sol em Babylonia.

"A Lanterna" em Jardinopolis

A propaganda traz sempre bons fructos. Desde a vinda a esta cidade dos amigos e correligionarios Vassimon e Ristori estamos verificando um animador despertar das ideias liberaes, em consequencia do que muitas familias já estão abandonando a «santa casa de Deus», e os seus santissimos ministros e relativas explorações.

E o que affirmamos é um facto. No dia 21 do corrente realizou-se o enlace matrimonial — sem a intervenção do padre, do sr. José de Padua Carneiro com a senhorita Rizzatto. Mil felicidades almejamos aos recemcasados.

✤

Domingo, 22, realizou-se uma reunião de anticlericaes com o fim de tratar da fundação de um centro de propaganda.

A' reunião compareceram 32 decididos correligionarios, que declaram constituido o centro, ao qual deram o nome de Circulo Anticlerical Francisco Ferrer. Na mesma reunião abriu-se uma subscripção para a compra da bandeira do mesmo gremio.

Se a reunião não foi numerosa, foi, porém, selecta e de homens conscientes, o que nos leva a esperar bons resultados para a propaganda.

O CORRESPONDENTE.



2.° CONCURSO DA LANTERNA

Os leitores da *Lanterna* entraram em grande numero no nosso primeiro concurso, respondendo á pergunta: *Para que serve o padre?*

Esperamos que recebam com o mesmo enthusiasmo o segundo concurso, que hoje abrimos, começando a publicar desde o numero 31, de 14 de maio, as respostas que nos forem enviadas até áquelle data— sendo acceitas tambem as que nos vierem dos Estados não vizinhos, se a data da remessa for anterior a junho.

Trata-se de dar uma resposta laconica e acertada á seguinte pergunta:

Com que se parece o padre?

Os nossos leitores deverão procurar, no mundo real ou imaginario, na natureza viva ou inanimada, nas creações da poesia e da fabula, no dominio das abstracções, onde quiscrem, em summa, um objecto, um ser, um bicho, um ente fantastico, seja o que for, que se parcça com o padre, e dar em breves palavras as razões da semelhança.

Trata-se de buscar uma imagem, uma analogia, um termo de comparação justo e bem achado, sem exclusão, porém, dos confrontos já conhecidos, desde que sejam formulados nas condições aqui estabelecidas.

E dessas condições, a principal é a brevidade. Nenhuma resposta será publicada, *se exceder dez linhas* das nossas columnas.

Terminada a publicação das respostas, serão ellas entregues a um jury competente e imparcial, que escolherá as três melhores, as quaes terão direito a premio.

E agora venham as respostas e não esqueçam os nossos amigos a nossa recommendação de laconismo!

✤

3 premios

O primeiro premio é constituido pelo excellente livro de Thomás da Fonseca — SERMÕES DA MONTANHA, que, além duma novidade literaria, é uma das melhores obras de vulgarização e propaganda popular do livre pensamento que conhecemos em lingua portuguesa.

Numa linguagem simples e ao mesmo tempo eloquente, o autor, já bem conhecido nas letras e na propaganda, sobretudo pelo seu livro *Evangelho dum seminarista*, explica a ingenuos montanheses que se reunem para o escutar, um mundo de ideias emancipadoras.

O primeiro classificado terá tambem direito a uma assignatura semestral gratuita da *Lanterna*, a enviar á pessoa que elle nos designar.

O segundo premio é constituido por livros ou opusculos no valor de 3$000, a escolher na *Bibliotheca d'A Lanterna*, que publicamos na quarta pagina.

O terceiro, finalmente, consistirá em 20 cartões postaes illustrados anticlericaes.

—

Em vista do que alguns amigos nossos, nos representaram quanto á demora do correio, acceitamos ainda respostas até ao fim deste mez, vindas do interior ou dos Estados circumvizinhos, e até 1 julho, vindas dos outros Estados.

—

Continuamos a publicação das que já nos chegaram.

Com que se parece o padre?

— Com tudo que palpita, que vive, menos com o homem, porque, segundo as leis canonicas, elle é um animal sem sexo. — *Levy de Almeida*.

— Não acho, na creação,
um confronto que lhe quadre...
Semelhante ao padre, ah! não!
não ha senão outro padre...

G. Vaz.

— Com o leão: 1.° porque é o ser mais damninho á humanidade; 2.° porque, quando se prepara para comer o Christão, pensa que devora todo o mundo com suas trampolinices macabras. — *A. J. A.*

— Com um vulcão, mas com uma differença: o vulcão tem muitas bocas e por ellas expelle a lava incandescente que causa a destruição e a morte por onde passa; o padre tem uma só, mas essa vale por todas, e a sua lava penetra no mais recondito dos lares, semeando a discordia, a morte e a destruição. — *A. Castellanos.*

— Com um horrido *Briareu*, o monstro mythologico de cincoenta cabeças e cem braços: tem uma garra no utero da mulher, para agarrar o feto, outra na sepultura para se alimentar de cadaveres e as outras sobre a humanidade. Chupa o cerebro da gente e reenche o craneo com as nullidades theologicas, pronunciando symbolicamente: Amem! — *Zeffirino Bartolomasi.*

— Consultei os três reinos da natureza; mas a hyena, o lichen e o lodo revoltaram-se contra o confronto. Fixei o olhar num "metro cubico de estrume", mas este proclamou a sua utilidade. O padre está, pois, fóra dos três reinos: não pode parecer-se senão consigo proprio. — *Maria Rebucci.*

Aos collaboradores

Alguns escriptos esperam ha algum tempo a sua vez. Os nossos collaboradores terão ainda um pouco de paciencia.

Aproveitamos a occasião para agradecer aos amigos dedicados que nos auxiliam incansavelmente, mandando-nos recortes de jornaes e informações.

Em todos os casos

Com prazer reproduzimos, para os nossos leitores, o attestado que o distinto facultativo da capital federal, dr. Francisco Claudio da Costa Braga, doutor em sciencias medico-cirurgicas pela faculdade de medicina do Rio de Janeiro, cirurgião de 5.ª classe do corpo de saude da armada, etc.

«Attesto que tenho empregado em minha clinica e com o mais efficaz resultado a Emulsão de Scott, nos casos de tuberculose, rachitismo, chloro-anemia, emfim em todos os casos em que se tiver de lançar mão de um agente bastante poderoso para tonificar o organismo depauperado; o que affirmo sob a fé do meu gráu.

Capital Federal — Dr. Francisco Claudio da Costa Braga.»

Está autorizado a proceder á cobrança de assignaturas d'*A Lanterna* no Rio de Janeiro a sr. Gregorio Rodrigues.

Contamos com a boa vontade dos nossos amigos e assignantes para o auxiliarem na tarefa.

«A LANTERNA»

será vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALÃO MONTEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

NA LAPA — *Salão Internacional.*

VENTURA SIÉRRA, rua Conselheiro Ramalho, 105.

AGENCIA DE JORNAES do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 37.

ARMAZEM DE SECCOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24.

Salão de Babeiro, Avenida Rangel Pestana, 297.

FOLHETIM (31)

Avelino Foscolo

O JUBILEU

X

zentos e, além disto todos me conhecem já como cabra estradeiro e moleque escovado. V. S. introduz sem ninguem dar pela coisa. Já tem sido roubado por esses manos: é justiça passar-lhes alguma tambem.

—Ns guerra como na guerra! Dá cá o baralho e toma lá.

—Bom! mas não se esqueça de uma gorgetinha cá para o cabra se for bem succedido.

Explicou-lhe a patota.

—Está combinado: saio-me bem, verá.

—Em sabendo manejar a tramoia arrebenta a banca, doutor.

Calara-se á entrada de um desconhecido e o bacharel penetrou no jogo certo agora de boas cartadas. Era a dignidade arremessada ao tapete verde. Vira fraudes, por vezes, fizera-as mesmo por brincadeira, mas não descera jamais a servir-se dellas: fôra mister aquelle tufão de vicios do jubileu para despenha-lo na gatunagem.

Abeirou-se da mesa, bem junto ao banqueiro e, ao primeiro azar, virando-se para o proprietario do baralho:

—Dou vinte mil reis, quer?

—Vá lá! o demo hoje não quer dar sorte commigo.

O Sena tomou-o e com a mão em que tinha a patota espalmada introduziu-a no baralho. Depois com uma sensação de crime, desconhecida por elle até então, perpassou um olhar em torno perscrutando nos outros a percepção da fraude. Se alguem percebera não dera por certo o minimo signal, porque a mesa aguardava sofrega a continuação do jogo. Apenas no semblante de Sylvia vira um como riso escarninho; quiz ceder a outro o direito, mas iniciara o jogo e lhe parecia cobardia recuar em face da meretriz. Continuou com uma sorte como ninguem lhe vira jamais; passou depois o baralho e proseguiu a parar, ora na sorte, ora na azar, na ordem em que fôra collocada a patota.

Os "cabreiros" perceberam a tramoia e procuraram aproveitar-se della, tambem, emquanto os ingenuos eram depennados. O Sena viu tudo claro, comprehendeu, então, como fôra sempre esbulhado nas melhores roletas e por homens, como elle, trazendo a capa da honestidade.

Sylvia perdera tudo. Com um gesto ameaçador, abeirando-se do Sena;

—Passe-me os meus cincoenta ferros, ande, que eu não como disto.

—Que diz?

—Passe a nota que me abiscoitou ali.

—Hom'essa! Se não quer perder não jogue.

—Perder, vá; mas assim, roubada, é duro!

—Que pretende insinuar? Não bancava quando passou os cincoenta mil reis.

—Não, mas a patota tinha sido introduzida por você, meu cabreiro, e fez o jogo na ordem preestabelecida. A mim ninguem rouba.

—Repita! — clamou o bacharel erguendo-se enfurecido.

—Não engulo o que digo: passe o cobre que me roubou! — repetiu Sylvia com um gesto de desafio.

O Sena viu tudo rubro e, num movimento de indignção inesperado para aquelles homens habituados a taes scenas, puxou do revolver e desfechou um tiro na cortesã. Ella tombou por terra, emquanto o bacharel, lesto como raio, fugia pelo fundo da casa e atravessou o Maranhão.

Desapparecido o estado de torpor produzido pelo gesto insolito, os jogadores correram em busca da policia emquanto outros procuravam soccorrer a misera ferida mortalmente no peito.

O assassino corria só, aterrorizado, julgando-se perseguido pela multidão, embrenhando-se mais e mais nas trevas para se occultar melhor. Tombava nos fossos, ferira-se nos toros de arvores, martyrizara os membros debeis e delicados de tysico nos seixos daquellas paragens desconhecidas. No afan de se distanciar do scenario do crime, de evitar a peseguição, descera pela margem opposta e quando reconheceu que ninguem o seguia; semi-morto já de fadiga, descançou então. O corpo estava banhado de suor, os membros inferiores empapados dagua do rio que atravessara a váo; uma humidade incommoda lhe gelava os pés; vieram-lhe a bocca golphadas de um liquido com saibo de sangue: era a hemoptyse com uma intensidade jamais experimentada. Quiz, então, ganhar o hotel, voltar a casa, prendesem-o embora, temendo morrer a sós ali, como besta selvagem! Mas agora, á calma succedendo ao temor, não deparava uma estrada viavel: eram cercas e ribanceiras de um lado, o Maranhão de outro, fossos e pedregulho por toda a parte. Sentia, alem disto, um desanimo ankylosante paralysando-lhe os movimentos.

Quanto mais esforço fizesse, mais recrudesceria o mal, sabia-o por novas golphadas que lhe vinham á bocca. Houvera rompimento de um vaso importante, ao choque brusco, á corrida inaudita para fugir á policia e proseguir agora era caminhar para a prisão, a morte quiçá.

Pensavava comsigo, com uma melancolia agoniosa, na justiça que que ora o condemnava. Como numa visão de sonho se desenrolou a seus olhos o passado inteiro, os seus amores com Carmen, os beneficios recebidos do velho tio e a ingratidão duplamente criminosa com que os abandonara obedecendo á ambição de riqueza que lhe corroia os sentimentos bons. Depois viera a desillusão, recordações, saudades e elle se abysmara no vortice do jogo, dando azas á ganancia ou procurando matar a paixão secreta agoniando-lhe a alma. Naquelle jubileu, feira maldita que permaneceria para sempre vivaz em seu cerebro, onde viera em busca de um milagre, se lhe deparara Carmen e elle descera ainda propondo-lhe infamias. Fôra repellido, appellara para a roleta esperando afogar em uma outra paixão mais agra e a sorte lhe não sorrira jamais. Viera ainda o bilhete fatal testemunha dos amores adulterino de Laura, a queda moral como passador de patotas e para epilogo do drama, o golpe assassino precipitando-o no abysmo. Triste ironia! E fora elle, o algoz de outrora, quem abrira a Carmen a estrada da ventura eliminando aquella mulher, creando a viuvez do Chagas, fechando um tumulo sobre Sylvia, a esposa do pintor e abrindo um thalamo para a felicidade delles. E com a mão que lhe noticiara o seu enlace em tempos idos, com que lhe pedira graças agora, abrira o templo do amor e levara o rival feliz aos braços da mulher amada com as ancias de um organisazão de tysico e de nevrotico.

Que funesta fatalidade lhe perturbava assim o trama da vida e o obrigava a ser o executor da justiça, algoz de si mesmo?

Sentiu ainda novas golphadas de sangue; immobilizou se mais e mais, cerrou os labios, mas o pensamento proseguiu celere na rigorosa analyse do preterito.

Bem vão, sabia-o agora, o desejo insano de enthesourar que o dominara sempre. Todo o esforço humano deve tender para o amor



"A Lanterna" em Taquaritinga

Com o unico fim de fazer aos inumeros leitores do valoroso paladino anticlerical *A Lanterna* sabedores de factos verificados nesta localidade é que tracei estas linhas.

Ha pouco tempo um dos *nossos* vigarios (aqui temos tantos, que, ás vezes, chegam a reunir-se seis ou sete com o sagrado intuito de nos purificar a alma...) em plena reza, saindo do altar onde roia o seu latim com espanto de todos que ali estavam, veiu ter com um pobre preto que, resmungando, dizia: «Viva sô vigario! Viva sô frade!» e, christãmente, chegou-lhe a roupa ao pello, segundo disse depois a propria victima do batina.

O inoffensivo Carioca, appellido do espancado, um alcoolista habitual, que todos os dias anda pelas ruas dando vivas a fulano e sicrano, entendeu que não podia ser esquecido o nosso homem sagrado. Saiu-lhe cara a ideia. Agradeceu-lhe o homem com tapas, bofetões e pontapés e com a expulsão do templo de Christo.

E' sempre bom salientar factos como estes. Um fiel e puro ministro do altissimo espancar um infeliz dentro da propria igreja, na presença de innumeras pessoas, é ser bruto, é ser vilão ignorante e inferior ao pobre preto que, inconscientemente, foi perturbar o latinorio do padreco.

Tudo isto foi presenciado por meus olhos que, por um espirito de curiosidade, por ali vagabundavam.

Taquaritinga, 23—5—910.

Alcindo Barroso.



Padre e superstição

De Portugal:

Na noite de 19 de abril passou sobre as villas de Ceia, Vela, Goes, Mangualde, Alcobacea e Belmonte um aerolitho que rebentou sobre o rio Zezere em duas fortes detonações. Entre as povoações reina um grande panico. Em Guimarães ha algumas familias que têm deixado de comer quando lêem em certas gazetas noticias tolas ou mal intencionadas sobre o cometa de Halley, lavrando tambem grande terror entre a população porque, segundo se diz, o reitor de Athães avisou na missa que o "signal" não fará mal a ninguem desde que todos se apeguem aos santinhos da sua devoção e não os esqueçam nas suas orações, porquanto se ha estes signaes é porque todos estamos fóra da graça de Deus. O prior, segundo o testemunho de uma sua parochiana põe tal "sinceridade", nas suas praticas, que a missa acaba sempre num coro de prantos e lamentações.

No Alvito, resolveram ir para o campo na noite de 18 de maio e celebrar "Te-Deums", missas, etc. Em uma povoação do concelho de Miranda do Douro, toda a gente está convencida de que a uma menina de 12 annos apparece a Senhora do Naso, como outrora a Senhora de Lourdes apparecera a Bernardette, e lhe annuncia o proximo fim do mundo, aconselhando a penitencia aos miseros peccadores.

Do credito que tal boato merece á desventurada população daquella região são documento seguro e commovente duas cartas enviadas por pobres lavradores da freguezia de Villa Marim, concelho de Mesão Frio, a uns seus parentes em Lisboa. Dellas transcrevemos os seguintes trechos, sem lhes alterarmos a fórma e corrigindo apenas a orthographia:

"Manuel: Dize-me dahi se tens uma roupa preta para o dia do signal. Nós cá andamos todos a tremer. Agora manda-nos dizer o que dizem nessa terra, que aqui é constado no dia 18 de maio pelas 5 horas da manhan. Poderá ser que não nos tornemos a vêr."

"Cunhado: a maior pena que eu tenho é o morrer e não o conhecer, nem você a mim. Porque, ao que dizem, não nos tornaremos a vêr. Ao menos, deite a sua benção á menina, que nós tambem abençoamos o menino. Adeus, até ao fim do mundo."



PEQUENOS ÉCOS

Pro "Lanterna" — De Santos, recebemos a seguinte lista de subscripção: Leonidas Cortez, 3$; Candido Reis, 2$; Cirino de Barros, 2$; Cicero de Paula, 2$; Alexandre Gonçalves, 1$; Albino Silva, 2$; José Roberto, 2$; João Zeferino, 2$; Augusto Gonçalves 1$; Vicente Santos, 2$; Helcio Cortez, 2$; Carlos Borges, 2$; Francisco Bailarino, 1$; Luiz Santos, 1$; Miguel de Souza, 1$; Praxedes Nacimento, $500; Vital Santos, $500; João Ferreira, $500; Duarte de Almeida, $500; João Figueira, 1$ Total 29$000.

Esta lista foi corrida pelo nosso amigo Leonidas Cortez. Agradecemos

Conferencia. — Amanhã, na séde da Associação do Livre Pensamento, rua José Bonifacio, n 17, realizar-se-á uma sessão, ás 7 1|2 horas da noite, em que falarão os srs. Bolivar Barbosa e Alipio Bastos, academicos de direito. O primeiro fará uma dissertação litero-philosophica sobre a verdade e o segundo orará sobre materia concernente ao livre pensamento.

Rectifilação. — No soneto de Rhadamanto, publicado sabbado passado nesta folha, onde se lê:

«Synthese da bondade e que nos esconjura.»

Leia-se:

«Synthese da bondade e que nos encanzina.»

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua General Camara, 14

ASSIGNAI! ASSIGNAI!

E' a assignatura, paga adiantadamente, que verdadeiramente sustenta A Lanterna, fornecendo-lhe o melhor combustivel...

Não basta comprar numero por numero: é preciso assignar A Lanterna!

E, se for possivel, angariar-lhe assignaturas!

A' venda nesta redacção

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Espanha e a obra de Ferrer.

EXPEDIENTE

A todos os amigos e correligionarios que enviem cartas, dinheiro, vales, e tudo quanto concerne á administração, pedimos o favor de endereçarem a correspondencia á Lanterna a **NENO VASCO.**

O endereço é: LARGO DA SE', 5 (sobrado).

Aos nossos assignantes e leitores rogamos o favor de, quando fizerem encommendas aos nossos annunciantes, citarem *A Lanterna* como o jornal onde encontraram a *réclame.*

A todas as pessoas que nos escrevem prevenimos que, devido á numerosa correspondencia, nos é inteiramente impossivel responder pelo correio. Porisso, devem procurar n'*A Lanterna*, na secção *Bilhetes e recados* a resposta que sem inconveniente puder ser dada por ali.

Apesar da praxe jornalistica, julgamos conveniente declarar que os artigos assignados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, salvo expressa adhesão nossa ás ideias por elles expostas.

Seguindo a orientação moderna da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão, para uma investigação sincera da verdade e como um éco ás aspirações do nosso tempo.

O Celibato

Este livro, cujo preço marcado é de 3$000, está á venda em nossa redacção ao preço de 2$000, sendo offerecido como premio gratuito a todos os nossos assignantes annuaes que o escolherem, pagando a sua assignatura directamente a esta administração, sem nenhuma despesa de cobrança ou deducção de gastos de remessa.

Bilhetes postaes

Temos á disposição dos leitores novos bilhetes postaes illustrados anti-clericaes, oito desenhos differentes, edição do nosso collega *O Livre Pensador*, aos seguintes preços:

Duzia. . . . . 1$000
Um exemplar . . 100

Numeros atrasados

De novo lembramos aos amigos, que se interessam pela propaganda das nossas ideias e d' *A Lanterna*, que temos á sua disposição, gratis, certa quantidade de numeros atrasados—que podem servir para distribuição gratuita em dias de festa, reuniões, ajuntamentos, comicios, na semana santa, ou mesmo em dias normaes.

Quem desejar receber pacotes de propaganda, escreva-nos um simples postal.

Viagem de cobrança

O sr. Annibal Pace está percorrendo a linha Paulista.

Aos nossos assignantes e a todos os nossos correligionarios, residentes nessa linha pedimos boa vontade em auxiliarem a tarefa do nosso companheiro, que não poderá demorar-se muito, naturalmente, em cada localidade.

A existencia deste jornal de ideias, depende dum pequeno esforço em seu favor por parte de cada um dos seus leitores e dos que o consideram util.

Ribeirão Preto

Na Livraria Selles á rua Amador Bueno, 41 e 43, vende-se *A Lanterna* a 200 réis o numero avulso.

Publicações periodicas

Um dos nossos amigos encarrega-e de receber assignaturas, por intermedio desta redacção, para as seguintes publicações:

Les Temps Nouveaux

Revista quinzenal sociologica, com um supplemento literario. — Director: Jean Grave. — Assignatura annual: 3$000.

La Guerre Sociale

Semanario revolucionario. — Redactor-chefe: Gustave Hervé.
Assignatura annual: 5$000.

A Sementeira

Publicação semanal illustrada de critica e sociologia. — Lisboa.
Assignatura annual: 2$000.

A Vida

Hebdomadario operario. — Porto. — Assignatura semestral: 1$500.

Internacia Socia Revuo

Revista mensal em esperanto, dedicada ao movimento social. — Paris.
Assignatura annual: 2$500.

A venda nesta redacção:

O Clarão

Publicação eventual racionalista — Porto. — Cada exemplar: 100 reis.

Les Hommes du Jour

Interessantissima publicação illustrada semanal de biographias e critica social, literaria e artistica.
Collaboradores artisticos: A. Delannoy, M. Robin, Hermann-Paul, etc.
Redactor em chefe: Victor Méric.
Assignatura annual: 6$000.

BIBLIOTHECA "D'A LANTERNA"

EM PORTUGUEZ

Eliseu Reclus, *Evolução e Revolução*	1$500
Gorki, *Os amassadores*	$200
Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho*	$200
Nieuwenhuis, *A mulher e o Militarismo*	$100
J. Most, *A Peste religiosa*	$100
Motta Assumpção, *O Infanticidio, drama.*	$300
EM HESPANHOL	
M. Rey, *Donde está Diòs?*	$100
R. Chaughi, *Immoralidad del Matrimonio*	$100
La Mujer Esclava	$100
J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población*	$100
Frank Sutor, *Generaciòn consciente*	$400
M. Devaldès, *Mathusianismo y Neo-Mathusianismo*	$100
Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad è Independencia*	$100
A. Pellicer Paraire, *El individuo y la masa*	$100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales*	$100
S. Faure, *El Problema de la Poblaciòn*	$100
L. Bulfi, *Huelga de Vientres*	$100
A. Hamon, *Compendio de la Historia del Socialismo*	$200
P. Robin, *La Mujer Publica*	$100
J. Grave, *Tierra libre (fantasia)*	2$000

Aos amigos

O melhor meio de auxiliar a *Lanterna* é assigna-la e arranjar-lhe assignantes. A assignatura é mais cara; mas é um concurso de amigo.